



Guia de acessibilidade digital para marcas diversas e inclusivas

Conceitos, dicas, sites, aplicativos e ferramentas que ajudarão você na criação de projetos digitais mais inclusivos para todas as pessoas.



Uma iniciativa



web para todos



Índice

- **Introdução**
 - Sobre este Guia 06
 - Por que a acessibilidade digital é importante? 07
 - Como o Web para Todos contribui para essa transformação 08
- **Descomplicando a acessibilidade digital**
 - **Comunicação digital** 10
 - Crie materiais descomplicados..... 10
 - Faça a descrição de imagens, gráficos e mapas..... 11
 - Inclua legendas em seus vídeos..... 13
 - Garanta o contraste entre a cor do texto e as cores de fundo e use fontes em tamanho grande em seu site, documentos e artes 14
 - **Reuniões virtuais** 15
 - Dicas para tornar suas reuniões virtuais inclusivas 15
 - **Tecnologias assistivas** 19
 - Serviços de acessibilidade para dispositivos Android 19

🌀 Tecnologias assistivas	
🌀 Outros serviços	21
🌀 Tecnologias assistivas para Chromebook (que também podem ser encontradas em outros dispositivos com sistemas Windows e iOS)	22
🌀 Validadores automáticos de acessibilidade digital	23
🌀 Testes manuais	24
🌀 Testes automatizados	24
🌀 As 5 principais barreiras que dificultam a interação de pessoas com deficiência com marcas no mundo digital	
🌀 Eliminando as principais barreiras	27
🌀 Desafios de contemplar a neurodiversidade nos projetos digitais	
🌀 O que é neurodiversidade?	38
🌀 A neurodiversidade em números	38
🌀 Principais barreiras das pessoas neurodiversas na web	39
🌀 Dicas práticas de como resolver as principais barreiras de acessibilidade digital para pessoas neurodiversas	40
🌀 Pensando o design para a neurodiversidade	40
🌀 Foco	40
🌀 Previsibilidade	40
🌀 Tolerância a erros	41
🌀 Objetividade	41

○ Pensando o design para a neurodiversidade	
○ Consistência	41
○ Múltiplos meios	42
○ Pronto, segui todas as dicas. Como testar se meu site ou aplicativo ou comunicação está acessível para pessoas neurodiversas?	43
☺ Compliance e acessibilidade: o que sua empresa precisa saber para cumprir as leis atuais	
⦿ O que é <i>Compliance</i> ?	45
⦿ Leis, segurança na internet, acessibilidade e o terrível “juridiquês”	45
⦿ Sites sem acessibilidade podem ser punidos?	46
☹ O que as marcas que adotam a acessibilidade digital podem nos ensinar	
⦿ A jornada da diversidade	50
👁 Dicas que rolaram nas reuniões com especialistas do Google e do Web para Todos	
⦿ Planilhas e tabelas são acessíveis?	53
⦿ Estou com dificuldade para escolher cores contrastantes para meu site ou arte para redes sociais	53
⦿ Arquivo acessível, PDF também?	54
⦿ Busca no Google Fotos	54
⦿ Criação de legendas no YouTube	55

	Dicas que rolaram nas reuniões com especialistas do Google e do Web para Todos"	
	Descrições de imagens no Chrome	55
	Navegação de pessoas com deficiência visual	56
	Projeto Euphonia para pessoas com fala atípica	56
	Anotações, notas ou diário acessível	56
	Web para Todos e Google: parceria que transforma	
	<i>Hackathon</i> para grandes lojas virtuais	58
	<i>Workshop</i> sobre acessibilidade digital para profissionais de diversas áreas	58
	Acessibilidade digital para grandes canais no YouTube	59
	Acessibilidade digital descomplicada para marcas diversas e inclusivas	59
	Créditos	60

Introdução

Sobre este Guia

Durante os dias 18 a 21 de outubro de 2021, Google e Web para Todos se uniram para a realização do **evento “Acessibilidade digital descomplicada para marcas diversas e inclusivas”**. Foram 4 dias seguidos de imersão sobre o tema com painéis, palestras, sessões abertas de consultoria e apresentações de diversas ferramentas de acessibilidade.

Sem contar a participação de pessoas incríveis como **Marcelo Sales**, especialista em acessibilidade digital da Raia Drogasil; **Lucas Radaelli**, engenheiro de *software* do Google; **Talita Pagani**, especialista em UX/UI; **César Lavoura Romão**, advogado e instrutor do In Movimento INclusivo; e **Marcel Rosa**, diretor de marketing Unilever Desodorantes.

Além da conscientização, aprendizado e de ter agregado mais pessoas nessa jornada pela acessibilidade digital, os encontros também geraram muito conteúdo informativo.

E é isso que você encontra neste guia: informação, dicas, sites e aplicativos para tornar a web um lugar mais inclusivo para todas as pessoas!



Por que a acessibilidade digital é importante?

Cerca de **1,3 bilhão de pessoas no mundo** possuem algum tipo de deficiência e encontram inúmeras barreiras para interagirem também no universo *online*. A forma de transformar essa realidade é com acessibilidade digital, que, na prática, é a criação de conteúdos que sejam acessíveis para todas as pessoas.

Para isso acontecer, é preciso que haja mais empoderamento das pessoas com deficiência, empatia por quem não convive com este público e, principalmente, conhecimento.

Sites acessíveis tornam a web mais funcional e fácil de navegar, além de trazer benefícios para todas as pessoas.



Como o Web para Todos contribui para essa transformação

O **movimento Web para Todos** foi idealizado em 2017 pela empreendedora **Simone Freire**, fundadora da **Espiral Interativa**, agência de comunicação digital especializada em causas sociais, com o propósito de promover a cultura da acessibilidade digital e acelerar o processo de transformar a web em um lugar mais democrático para todas as pessoas. Desde o início, a iniciativa contou com a parceria do **W3C Brasil**, consórcio internacional que desenvolve padrões para a web em todo o mundo, e o apoio de diversas organizações que abraçaram a causa conosco.

É considerado o principal ponto de encontro entre as organizações, empresas, especialistas das áreas de *design*, desenvolvimento e conteúdo, além de pessoas com deficiência com o objetivo de mobilizar a sociedade para a temática da acessibilidade digital.

Com muita informação em seus canais digitais, dicas, oficinas e eventos (como o realizado em parceria com o **Google**), o **WPT** atua na educação e transformação da web brasileira, em um ambiente verdadeiramente inclusivo pra todo mundo!



Simone Freire

Idealizadora do
Movimento Web para Todos

Descomplicando a acessibilidade digital

Comunicação Digital

Ao se comunicar com o seu público é importante observar se a sua mensagem é acessível e se inclui todas as pessoas, independentemente se tenham ou não algum tipo de deficiência. Isso vale para qualquer meio digital: site, blog, posts em redes sociais, *press releases*, documentos em PDF, e-mails, entre vários outros.

Assim, você vai conseguir ampliar o alcance do seu conteúdo e impactar um público ainda maior, além de proporcionar uma melhor experiência para usuárias e usuários.

Pensando nisso, separamos dicas essenciais para garantir a acessibilidade da sua comunicação digital. Confira!

1. Crie materiais descomplicados

- Use sempre uma **linguagem inclusiva, neutra e acessível**. Ela também deve ser simples e objetiva, sem termos difíceis ou jargões, com textos e frases curtas, na ordem direta (sujeito + verbo + complemento).
- Evite usar muitas imagens ou muito texto em uma apresentação.
- Use o texto para reforçar as principais informações da sua peça.
- Organize os pontos principais em tópicos, isso ajuda no entendimento.
- Faça **formulários acessíveis**, garantindo que o texto que vem ao lado de cada campo, conhecido como rótulo, esteja correto com o que aquele espaço pede. Se ele for muito grande, utilize elementos, como subtítulos, para agrupar o conteúdo.

2. Faça a descrição de imagens, gráficos e mapas

- Todo o material visual presente na sua comunicação deve conter descrição. Assim, quem utiliza o leitor de tela também consegue consumir aquele conteúdo.
- Essa informação pode ser incluída em sites e diferentes documentos, feitos ou não nas ferramentas do Google, no campo texto alternativo, ou *ALT*, em inglês.
- Uma dica para fazer a descrição de uma imagem é usar a fórmula simplificada: **Formato + Sujeito + Paisagem + Ação.**
- Não dependa apenas das cores para passar uma informação em gráficos ou mapas. Isso pode ser uma barreira para pessoas daltônicas ou com baixa visão. Aqui, a dica é incluir formas, símbolos, padrões e texturas diferentes, além de usar o máximo possível de recursos como título, sumário e legendas detalhadas.
- Teste se seu documento ficou mesmo com as imagens acessíveis usando um leitor de telas para navegar por ele. Sempre que chegar em uma imagem, ele deve dizer o que foi cadastrado nesse campo.

O que escrever na descrição da imagem?

A resposta parece simples e é: exatamente o que aparece na imagem!

Mas é interessante entender direitinho o que isso quer dizer, até porque é muito comum que a gente cometa alguns dos erros listados a seguir ao começar a fazer as descrições:

- **Julgamento de valor**

“Foto de um **bonito prato** com desenhos natalinos sobre a mesa posta”.

- **Interpretação da informação**

“Foto de uma professora **explicando a lição** ao aluno. Eles estão em uma sala de aula e, ao fundo, há uma lousa verde com contas matemáticas escritas em giz branco”.

- **Informações que não estão na imagem**

“Foto de um frasco de vidro incolor com boca larga **usado na medicina oriental para o tratamento de doenças**”.

Então, é importante **descrever apenas o que está na imagem, sem juízo de valor, supor informações ou explicar algo que ela não mostra**. Precisa incluir mais informações para situar quem está consumindo aquele conteúdo? Use o recurso de legenda que vai deixar o texto à mostra a todas as pessoas e também será lido pelo leitor de telas.

3. Inclua legendas em seus vídeos

- As legendas dos vídeos são um recurso importante para pessoas com deficiência auditiva que compreendem a língua oral de um país (no caso do Brasil, a língua portuguesa). Além disso, **auxiliam quem está assistindo aquele conteúdo** sem som em um espaço público, por exemplo, ou quem está aprendendo aquele idioma (uma pessoa estrangeira ou em processo de alfabetização).
- Existem **diversos aplicativos** que podem ajudar nesse processo, inclusive o próprio YouTube.
- Se o serviço que você está usando tem esse recurso automático, como o YouTube, **garanta a qualidade desse material**: se ele está sincronizado com a imagem e se a gramática está correta.
- Inteligência humana é mais do que bem-vinda em vídeos ao vivo mesmo que o aplicativo ou programa que você esteja usando tenha como funcionalidade a transcrição automática. **Contratar um serviço de estenotipia**, por exemplo, garante a qualidade da legenda, pois ela é feita em tempo real por profissionais da área.

4.

Garanta o contraste entre a cor do texto e as cores de fundo e use fontes em tamanho grande em seu site, documentos e artes

- O contraste de cores é um dos critérios da acessibilidade digital. Ele atende especialmente pessoas com baixa visão e **daltonismo**, mas garante uma melhor experiência também a quem enxerga.
- Há diversas ferramentas para verificar se as cores que você escolheu são contrastantes. Nós indicamos a **Color Contrast Analyzer** e a **Color Contrast Checker**, ambas em inglês, mas com funcionamento bem intuitivo.

Onde encontrar mais informações:

- **Gravação da apresentação: Descomplicando a comunicação digital**
- **Google Acessibilidade**
- **Recursos do Google (em inglês)**
- **Como fazer descrição de imagens? Série de dicas para você colocar em prática**
- **Como escrever em linguagem neutra**
- **Linguagem inclusiva, neutra ou acessível?**

Reuniões virtuais

Com a Covid-19 e o distanciamento social, surgiu uma nova realidade para as organizações: o trabalho remoto. E, com ele, a necessidade de uma mudança na filosofia das empresas e novas formas de conduzir a jornada diária de atividades, como as reuniões.

Mas será que esses ambientes virtuais podem ser acessíveis para todas as pessoas (com e sem deficiência)?

A resposta é sim e a gente explica!

Dicas para tornar suas reuniões virtuais inclusivas

1. Planejamento

- Avalie se a reunião é **realmente necessária**, ou se o assunto pode ser resolvido em um e-mail. Se esse for o caso, cancele-a.
- **Prepare uma agenda** que associe o propósito e os objetivos da reunião, e compartilhe-a com antecedência.
- Convide somente participantes que realmente precisam estar naquela reunião, ou seja, que tenham um **papel e responsabilidades bem definidos** (outras pessoas podem ser convidadas como “opcionais”).
- **Prepare-se revisando** antecipadamente a agenda e os materiais necessários.
- Escolha uma plataforma de comunicação por vídeo que ofereça **recursos acessíveis**. Google Meet, Zoom e Microsoft Teams, por exemplo, já oferecem recursos de acessibilidade como transcrição automática de áudio em texto em tempo real, possibilidade de fixar janelas – ideal para intérprete de Libras (Língua Brasileira de Sinais) – e outros diferenciais.

2. Aspectos técnicos

- Verifique a **iluminação do ambiente**. Você pode acender as luzes da sala, por exemplo, e garantir que seu rosto não esteja na sombra. Também é possível usar o recurso de ajuste de iluminação do próprio Google Meet, por exemplo.
- Assegure-se de que não tenha objetos bloqueando a linha de visão da câmera em salas de reunião virtual. **Alinhe a câmera** com seus olhos para um bom contato visual.
- Se for usar um microfone de mesa, verifique se não há obstruções, e garanta que a posição dele não cubra quem está presente no mesmo ambiente. Se você estiver participando remotamente, verifique os **ajustes e o volume do seu microfone**.
- Preste atenção também no fundo da imagem e procure **eliminar distrações visuais**.
- Considere **utilizar um fone de ouvido estilo *headset***, caso esteja trabalhando remotamente em um local com muito ruído – isso vai melhorar bastante a qualidade do som para quem está acompanhando a reunião e também ajudar na sua compreensão, porque deixa as distrações de fora.
- Se você tem o Google Meet *premium* ou corporativo, ou está participando de uma reunião criada por alguém que tenha, é possível usar os **recursos de cancelamento de ruído** que utilizam inteligência artificial para filtrar a voz, excluindo outros ruídos ou mesmo ecos.

3. Recursos úteis

- As agendas do Google e do Outlook, por exemplo, têm um campo para descrição e anexar documentos que pode ser muito interessante para **compartilhar os arquivos** que serão apresentados, discutidos e até indicados naquela reunião. Assim, cada participante pode consumir o conteúdo da forma que quiser ou necessitar (no próprio tempo e usando uma tecnologia assistiva, se for preciso).
- Durante a reunião, é possível **ativar o recurso de legendas** que, por meio de uma tecnologia de reconhecimento de fala, transforma em tempo real todo conteúdo falado em texto. Atualmente, esse recurso está disponível no Google Meet e Microsoft Teams. Aos poucos, outras plataformas também deverão disponibilizá-lo.
- Também há a funcionalidade de **tradução simultânea de falas em inglês** para outras línguas. Esse recurso deve ser expandido em breve para outros idiomas.

4. Participação e colaboração

- Explore e **apresente as ferramentas disponíveis** na plataforma para que as pessoas participem mais efetivamente da reunião, como as funcionalidades de levantar a mão, espaço de *chat*, enquetes e perguntas e respostas.
- Google documentos, planilhas e apresentações possuem funcionalidades que permitem um trabalho colaborativo em um mesmo arquivo em tempo real.
- Utilize recursos como a Lousa Interativa do Google Meet, que permite a participantes conectados em diferentes lugares colaborarem no quadro eletrônico.

Onde encontrar mais informações:

- [Gravação da apresentação: Descomplicando as reuniões virtuais](#)
- [Conheça as principais barreiras de acessibilidade em ferramentas de reuniões virtuais](#)
- [Como produzir PDFs acessíveis](#)
- [4 passos para descrever gráficos](#)
- [10 dicas para deixar seus gráficos, tabelas e mapas mais acessíveis](#)

Muito além da tecnologia

É importante lembrar sempre que **só o uso da tecnologia não garante a acessibilidade da sua reunião.**

Se você está compartilhando arquivos e documentos com a equipe, por exemplo, eles precisam estar acessíveis.

Então, ao preparar o planejamento, a agenda e os materiais procure usar uma linguagem inclusiva (neutra, clara e objetiva), faça a descrição de imagens, gráficos e mapas e não esqueça de acessibilizar tabelas. Dessa forma, você garante uma boa experiência com o seu conteúdo.

Tecnologias assistivas

Quem trabalha com acessibilidade digital precisa conhecer as tecnologias assistivas e entender como elas funcionam e interagem com sites e aplicativos. Isso ajuda a ter uma noção melhor do por que é importantíssimo construir, desenvolver e manter canais digitais acessíveis.

Serviços de acessibilidade para dispositivos Android

○ **Menu de acessibilidade**

Relativamente novo, já que foi lançado há pouco mais de um ano, possibilita configurar um *menu* com os serviços de acessibilidade que a pessoa mais usa no dia a dia, além de permitir configurar e acessar, via *software*, botões físicos do celular, como liga e desliga e aumentar e diminuir o volume, o que facilita o uso por pessoas com **deficiência motora ou mobilidade reduzida**.

○ **Acesso com interruptor**

Funcionalidade que permite **pessoas com tetraplegia, paralisia cerebral, limitações de movimentos**, entre outras, interagir com seu telefone por meio do auxílio de um pequeno botão ou par de botões externos. Quer testar o recurso, mas não tem um botão externo? É possível configurar um botão do celular ou mesmo um teclado *bluetooth* para o uso.

Serviços de acessibilidade para dispositivos Android

○ Selecionar para ouvir

A funcionalidade é bastante simples e permite ouvir o que está sendo mostrado na tela do aparelho, como um site, no navegador web, por exemplo, ou uma descrição de imagem. Acionada pelo toque na tela, é possível pausar, acelerar, diminuir a velocidade ou cancelar a leitura como um todo. Essa é uma tecnologia assistiva bastante utilizada por quem tem **baixa visão, dislexia e também pessoas idosas** com dificuldade de enxergar devido a problemas causados pela idade.

○ Talkback

O leitor de telas, específico para *smartphones*, funciona da mesma forma que um leitor de telas tradicional para *desktop*: você interage pelo aparelho por meio de gestos e ele lê os conteúdos. O recurso é voltado principalmente para pessoas com deficiências visuais severas (**cegueira e baixa visão**). Dá para navegar pelo toque, passando o dedo por cima do aparelho enquanto ele fala o que está sendo selecionado, ou usar movimentos como fazer um gesto da esquerda para direita para avançar, da direita para esquerda para retornar, dar um toque duplo na tela para abrir um aplicativo e até configurar gestos especiais.

Outros serviços

○ Lookout: visão assistida

Sistema de reconhecimento de imagens e caracteres que descreve o ambiente ao redor para **auxiliar a locomoção** de quem tem deficiência visual.

○ Voice Access

A ferramenta permite que a pessoa **opere seu celular por meio da voz**. Ela ainda não está disponível em português, mas não deve demorar para expandir para outros idiomas.

○ Google BrailleBack

Integra o celular com *display* ou teclado Braille reduzidos.

○ Amplificador de som

Tecnologia assistiva que **filtra, aumenta e amplifica o som** ao seu redor, podendo tornar, por exemplo, a voz humana mais clara e mais fácil de ser percebida por quem tem algum tipo de deficiência auditiva, incluindo pessoas com implante coclear ou usuárias de outros aparelhos auditivos.

Tecnologias assistivas para Chromebook (que também podem ser encontradas em outros dispositivos com sistemas Windows e iOS)

○ **ChromeVox**

Leitor de tela do sistema Chrome OS que também permite aumentar o *zoom* da tela e mexer em funcionalidades como alto contraste e modo de visualização preto ou em tons de cinza.

○ **Selecionar para ouvir e acesso com interruptor**

Mesmo funcionamento das ferramentas para Android.

○ **Ditador**

Permite escrever no Chromebook por meio da voz.

○ **Legendas automáticas**

Geração de legenda por meio da inteligência artificial do Google.

○ **Descrição de imagens**

Quando as descrições de imagens não estiverem preenchidas, o Chrome OS pode gerá-las por meio do uso de inteligência artificial (sem versão em português, por enquanto).

○ **Cliques automáticos**

Ativa botões e *links* apenas com o movimento do *mouse*, sem necessidade de clique.

Onde encontrar mais informações:

- [Gravação da apresentação: Descomplicando as tecnologias assistivas](#)
- [Ferramentas de acessibilidade nativas do Windows e do seu celular Android que você precisa conhecer](#)
- [Use leitor de telas em seu computador para testar acessibilidade dos sites](#)
- [Acessibilidade do Android na Google Play Store](#)

Validadores automáticos de acessibilidade digital

Os validadores são ferramentas que, como o próprio nome já diz, permitem **verificar se um site, aplicativo ou sistema de informação está acessível**. Muito usado por desenvolvedoras e desenvolvedores, eles também são úteis para quem contrata um serviço de acessibilidade e quer garantir que tudo foi feito da forma correta.

Os testes de validação de sites, aplicativos ou sistemas podem ser classificados em três grandes grupos: manuais, automatizados e híbridos (que contemplam as duas formas).

Existe alguma maneira de automatizar completamente os testes de acessibilidade?

A resposta é não, afinal a acessibilidade vai muito além de ter todos os comandos funcionando corretamente, incluindo atividades que a inteligência artificial não consegue executar, como experiência de quem navega, técnicas de *design* e descrição de imagens. Assim como também **não é possível acessibilizar um site, uma peça visual ou a sua comunicação digital de forma automatizada** e com ferramentas “milagrosas”.

Além disso, é mais do que recomendado ter pessoas com deficiência no time que vai realizar os testes, para que possam compartilhar a sua experiência e as barreiras de acesso que encontraram naquele produto digital.

Testes manuais

Aqui, a recomendação é que as empresas e profissionais de desenvolvimento **sigam listas de verificação ou *checklists* de acessibilidade**, assegurando que todas as recomendações necessárias para garantir a acessibilidade daquele produto foram seguidas e contempladas.

Outra dica importante é **simular as condições reais** da utilização do aplicativo ou do *website*, como tentar operar um site no computador somente com teclado, sem usar o *mouse*. É possível? Você consegue operar essa aplicação? Se você remover o som, também consegue utilizar o aplicativo. Se remover as cores, o conteúdo ainda faz sentido?

E, finalmente, **testar com tecnologia assistiva**: usar leitor de telas, interruptores e, se possível, leitores Braille. Tudo isso para ter certeza de que as pessoas conseguem utilizar o seu produto.

Testes automatizados

Ferramentas de varredura automatizadas ou *scanners*

Interpretam e avaliam o seu *website* ou, no caso de dispositivos Android, as telas do seu aplicativo. Servem para procurar ou verificar se os controles estão configurados corretamente, o contraste entre as cores e o tamanho da tela estão adequados, as imagens têm descrição cadastrada, dentre outros.

◉ **Chrome Ferramentas para Desenvolvedores**

Permitem fazer testes e verificar o conteúdo de uma página, seus elementos e como eles foram implementados, além de algumas informações mais técnicas, ideal para profissionais de desenvolvimento. Podem ser acessadas dentro do navegador Chrome, no *menu* do lado direito do topo da tela, na opção “Mais ferramentas”.

Recomendação Google: procure utilizar janelas anônimas para fazer a sua verificação, uma vez que configurações e extensões do seu navegador podem acabar interferindo no código original da página e distorcer os resultados do teste.

Testes automatizados

○ Lighthouse

A funcionalidade, que nasceu como um *plugin*, hoje é um complemento das Ferramentas para Desenvolvedores. Nela, é possível identificar problemas comuns que afetam o desempenho, a acessibilidade e a experiência de quem navega em um site. Além disso, permite algumas configurações bem legais, como simular a navegação como dispositivo móvel ou computador, conexões mais restritas ou lentas e a geração de um relatório que exhibe os principais diagnósticos, as verificações feitas e as recomendações do que precisa de correção.

Recomendação Google: antes de acessar a ferramenta, limpe o armazenamento de seu navegador Chrome. Assim, sua experiência será igual a de alguém que acessa seu site pela primeira vez.

○ Scanner de Acessibilidade

Disponível na Google Play Store de forma gratuita, pode ser instalado em qualquer celular Android e serve para testar a acessibilidade de um aplicativo. Como o próprio nome sugere, a ferramenta escaneia cada tela, botão, atalho, transição e o que mais tiver naquele *app* e sugere as melhorias de acessibilidade que precisam ser feitas.

Onde encontrar mais informações:

- Gravação da apresentação: Descomplicando os validadores automáticos de acessibilidade digital
- Como contratar e checar serviços de acessibilidade digital para sua organização
- Não confie em ferramentas "milagrosas" de acessibilidade
- Não é possível tornar um site acessível de forma totalmente automatizada

**As 5 principais barreiras que
dificultam a interação de pessoas
com deficiência com marcas no
mundo digital**

Pessoas com deficiência encontram diversas barreiras ao navegar pela web e, para que seu projeto digital seja verdadeiramente acessível e inclusivo, é ideal entender mais sobre a navegação desse público e os desafios enfrentados.

Eliminando as principais barreiras

○ **Descrição de imagens**

Imagens com descrição são essenciais para pessoas com deficiência visual severa que usam leitores de tela, pessoas com baixa visão, neurodiversas ou idosas e ainda trazem relevância para a postagem, melhorando o SEO (*Search Engine Optimization* que, em português, significa a otimização do conteúdo para os mecanismos de busca) do seu site.

Dicas simples para fazer descrições de imagens

**Use a fórmula simplificada:
formato + sujeito + contexto/paisagem + ação**

- **Formato:** conte se é uma foto, ilustração, arte, GIF, álbum de fotos ou algum outro específico.
- **Sujeito:** quem é o “personagem” principal da imagem? É uma pessoa adulta, uma criança, um cachorro ou um objeto?
- **Contexto/paisagem:** contextualize a cena da imagem. Ela acontece onde? É o interior de um lugar ou uma área externa? É em uma rua, num jardim, no escritório? Quais cores são evidenciadas e em qual posição?
- **Ação:** descreva qual é a ação. Faz o quê? Está como? Lembre-se de usar o verbo no presente.

Outras dicas:

- **Descreva também elementos relevantes e cores.**
- **Use, sempre que possível, verbos no presente (evite gerundismo).**
- **Elimine os pleonasmos: foto mostra, arte exhibe etc.**
- **Não use adjetivos que façam juízo de valor.**
- **Descreva apenas o que tiver certeza (sem subjetividade).**

◦ Janela de Libras e legendas

Essencial para quem tem variados graus e tipos de deficiência auditiva, esses recursos também beneficiam pessoas neurodiversas, idosas e outros públicos.

Legendas

- Para pessoas surdas que compreendem a língua portuguesa e outros públicos.
- Pode ser automática ou feita em tempo real pelo recurso da estenotipia.
- Precisa ter fundo preto e fontes com cores contrastantes.

Libras

- Para pessoas surdas usuárias de Libras.
- Pode ser com intérprete humano ou tradutor automático e sempre deve ocupar, pelo menos, 25% do lado direito da tela.
- Pode ser gravada ou em tempo real.

Audiodescrição

- Essencial para pessoas com deficiência visual severa.
- Beneficia também pessoas neurodiversas e pessoas idosas.
- Pode ser gravada em estúdio (editada e mixada ao som original); ao vivo e roteirizada, como no cinema ou no teatro; ou simultânea, feita por especialista, ao vivo e sem roteiro.

Dicas para a audiodescrição:

- **Objetividade:** direta, sem monotonia e exageros.
- **Compatibilidade:** adequada ao perfil/público da obra.
- **Diferenciação:** áudio diferente do som original, inserções entre os diálogos, respeitando pausas, efeitos, ruídos e trilhas.

○ Navegação por teclado

Basicamente, quando se fala sobre navegação por teclado, você imagina literalmente a utilização de um teclado para navegar em um site. Mas existem outros contextos para entender melhor esse conceito: uma associação muito simples é o uso de controles remotos de televisão ou videogame.

A seleção dos canais, o acesso a *menus* diferentes em um aparelho que possua internet, a escolha das letras para escrever o nome de um filme na área de busca de um serviço de *streaming* ou dar um nome para o seu personagem exemplificam isso. Então, similarmente, está acontecendo um acesso por elementos de uma interface com utilização de um foco visível, que indica em que local você está na tela, sem o apoio de um *mouse*.

Já quem usa um leitor de telas vai fazer um acesso totalmente diferente. Ele será por meio de atalhos: uma combinação de teclas para navegar por títulos de páginas, parágrafos, *links* e imagens.

Por isso, é preciso levar em consideração que há diferenças em seu uso:

- Pessoas usuárias de teclado (uso opcional)
Quem **não** usa o *mouse*, mas pode ver o conteúdo.
- Pessoas usuárias de leitores de telas (uso essencial)
Quem **não** usa o *mouse* e **não** pode ver o conteúdo.

Mas o que temos que levar em consideração na “navegação por teclado”?

- Foco visível.
- Ordem de navegação: deve seguir uma ordem lógica de interação de acordo com seu formato de leitura e elementos interativos.

Quer entender mais sobre a ordem de navegação?

Importantíssima para a acessibilidade digital, ela vai variar de acordo com a forma da leitura daquela cultura/país. Quem está no Brasil lê da esquerda para a direita, de cima para baixo. Já num país de idioma árabe, por exemplo, a leitura seria invertida: da direita para a esquerda.

Quer fazer o teste? Entre em um site que tenha mais de uma opção de idioma, como o [Booking.com](https://www.booking.com). Nele, mude a língua selecionada para a árabe e perceba como as informações mudam de lugar. Legal, né?

○ Formulários acessíveis

Boa parte dos formulários já são acessíveis, como os do Google. Mas nem todos são. Então, é preciso prestar atenção em algumas questões. Uma das mais fundamentais é a ausência do entendimento da semântica no código na hora de programar o formulário.

Por exemplo, se um formulário possui o **campo Nome**, mas no código isso não tiver escrito, a pessoa vidente vai conseguir entender, já o leitor de telas, utilizado por uma pessoa com deficiência visual, vai indicar apenas “editar texto”. Então, ela vai chegar naquele campo sem saber o que precisa preencher ali: é o nome? O e-mail? A senha?

O conteúdo também é muito importante: um **campo de CPF** pode ser facilmente entendido por brasileiros e brasileiras. Mas será que pessoas estrangeiras vão saber que se trata do Cadastro de Pessoa Física?

Práticas fundamentais para formulários acessíveis

- Utilize código semântico na programação.
- **Labels** (rótulos no código que indicam o que precisa ser preenchido ali, como no exemplo do nome) são obrigatórios, sempre associados aos respectivos campos.
- Ter descrições claras e inteligíveis.
- Sempre que for necessário, traga instruções adicionais (dê um exemplo do que você espera naquela resposta).
- Agrupe as opções em tópicos (“Dados pessoais”, “Sobre seu acesso na web”, “formas de pagamento preferidas” etc).
- Caixas de seleção com diferentes opções devem estar dentro de um atributo de código chamado **“fieldset”**. Dessa forma, ele cria uma linha ao redor dessa caixinha, mostrando que tudo o que está ali faz parte da resposta daquela questão/campo do formulário.
- Não negligencie as mensagens de erro. Mostre a quem navega o que está errado e como é possível resolver.
- Não esqueça do foco visível.

◦ Por que ainda existem essas barreiras?

Essa realidade de barreiras ou de falta de acessibilidade digital não é recente. Ela só surge com uma cara nova nesse momento de pandemia, no qual diversas soluções *online* foram lançadas. Mas o acesso das pessoas com deficiência continua não sendo uma prioridade.

Apesar da WCAG (Web Content Accessibility Guidelines, traduzido para o português como Diretrizes de Acessibilidade para Conteúdo na Web) existir desde 1999, esse documento é um pouco complexo. Atualmente, são **78 critérios diferentes e cada um deles tem um conteúdo muito rico e extenso**, sem contar que alguns são mais direcionados para profissionais de *design* ou de desenvolvimento, outros para ambos, alguns para conteúdo. O campo da educação também é fator importante. É comum ver cursos técnicos e faculdades que sequer mencionam algo relacionado à acessibilidade digital ou que até mencionam, mas de forma muito superficial.

◦ **Acessibilidade digital e WCAG descomplicada**

As informações acima podem até desanimar, mas a resistência vem da falta do conhecimento, independentemente da área. Quando as pessoas começam a compreender o que de fato é a acessibilidade, essa resistência naturalmente diminui.

Existem diversos grupos e profissionais, assim como o próprio Movimento Web para Todos, que disponibilizam informação de qualidade de maneira simplificada sobre acessibilidade digital. O especialista **Marcelo Sales** é um deles. Ele criou o *toolkit* de acessibilidade, um **pacote de ferramentas desenvolvido para facilitar e simplificar o entendimento das diretrizes de acessibilidade da WCAG.**

Outra dica valiosa é incentivar a comunicação constante entre profissionais de conteúdo, *design* e programação. E a mais importante dela que é “Nada sobre nós sem nós” - lema internacionalmente promovido pelas pessoas com deficiência para que sejam protagonistas dessa transformação. **Tenha pessoas com deficiência no seu time**, entenda como é a navegação dessas pessoas e as barreiras que encontraram em seu site, aplicativo ou ferramenta *online*, peça que elas testem o seu produto e deem a sua opinião.

“



Mais importante do que entender técnicas é entender pessoas. Eu preciso entender como elas funcionam, como utilizam a internet e isso envolve não apenas pessoas com algum tipo de deficiência."

Marcelo Sales

Especialista em acessibilidade digital da Raia Drogasil

◦ **Acessibilidade digital não é um recurso “a mais”: é lei!**

Quando o assunto é acessibilidade digital, automaticamente as pessoas associam com algo relacionado a pessoas com deficiência. Mas, na verdade, estamos falando de **acesso à informação para qualquer pessoa** que, em algum momento da vida, encontre alguma barreira de acessibilidade. É o caso de pessoas idosas, que perdem gradativamente a visão ou a audição, quem não tem costume de mexer com tecnologia, quem está com um braço ou dedo quebrado e não consegue usar o teclado ou o *mouse* ou até alguém que não conheça o idioma de um determinado conteúdo.

Você está usando a tecnologia para quebrar uma barreira de acesso ao assistir um vídeo em outra língua com legendas em seu idioma nativo. Já pensou nisso?

Viu como o termo pode ser mais amplo do que você imaginava?

Outra forma de entender isso é testar bastante as tecnologias assistivas. Assim, fica mais simples compreender as barreiras e aprender a resolvê-las. Entender e se familiarizar com as tecnologias assistivas faz com que as barreiras passem a ser concretas e não abstratas.

Você não precisa se tornar especialista em leitores de tela, por exemplo, mas entender os comandos básicos vai fazer com que você compreenda melhor como usar as informações do seu produto digital de uma forma amigável para essa leitura. Assim como navegação por teclado e outros recursos.

Também é importante entender que a acessibilidade digital não é um brinde ou um recurso a mais para quem navega na web. Ela é essencial e é lei no país. A LBI, como é conhecida a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, conta com um capítulo dedicado exclusivamente ao acesso à informação e à comunicação: o artigo 63.

É obrigatória a acessibilidade nos sítios da internet mantidos por empresas com sede ou representação comercial no País ou por órgãos de governo, para uso da pessoa com deficiência, garantindo-lhe acesso às informações disponíveis, conforme as melhores práticas e diretrizes de acessibilidade adotadas internacionalmente.

LBI - artigo 63

Pensar dessa forma já é um grande passo para lançar produtos que possam ser acessados por todas as pessoas. Hoje em dia, na prática, o que acontece é que se lança um site ou *app* e a acessibilidade é incluída depois, o que torna o processo mais complicado e mais caro. Se ela faz parte dos requisitos iniciais do sistema, lançar seu produto sem isso é o mesmo que entregar algo com uma falha para o mercado.

“

Acessibilidade não é *feature* [funcionalidade do sistema que entrega um benefício ou resolve um problema], mas a falta dela é um *bug*, um erro.”

Lucas Radaelli

Engenheiro de software do Google



◦ **Dá para automatizar?**

A resposta é não. Existem muitas ferramentas que podem auxiliar nesse processo, mas **não existe nenhuma “solução milagrosa”** que, mexendo em uma ou duas linhas do seu código, vai tornar o seu produto acessível. Como foi explicado anteriormente, para um conteúdo estar acessível **é preciso um trabalho conjunto nas frentes de desenvolvimento, programação, design, conteúdo, sem contar a troca de informações e experiências com pessoas com deficiência e testes com esse público.** Usar uma ferramenta totalmente automatizada é uma simplificação muito rasa do que é implementar uma experiência acessível de verdade.

Onde encontrar mais informações:

- Gravação do painel: 5 principais barreiras que dificultam a interação de pessoas com deficiência com marcas no digital
- Videodepoimento do casal cego Leonardo Gleison e Camila Domingues Ferreira sobre as barreiras de acessibilidade encontradas na web
- Campanha #ImagensQueFalam com muitas dicas úteis para você descrever imagens e vídeos nas redes sociais
- WCAG simplificada
- A importância do foco visível para a acessibilidade digital
- A diferença entre navegação por teclado e com leitor de tela (conteúdo em inglês)
- “Usei um *switch control* por um dia”, artigo, em inglês, do designer Hampus Sethfors contando sobre a sua experiência
- Tutorial Acessibilidade na Web Construindo Formulários e Tabelas acessíveis – W3C Brasil
- Não confie em ferramentas “milagrosas” de acessibilidade
- É possível tornar um site acessível de forma automatizada?
- Por que você quer tornar seu site acessível?

Desafios de contemplar a neurodiversidade nos projetos digitais

O que é neurodiversidade?

É um conceito que reconhece e respeita as diferenças neurológicas que fazem parte da vida de muitas pessoas. Os perfis mais conhecidos são pessoas com autismo, TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), dislexia (dificuldade de leitura) e discalculia (dificuldade para pensar, refletir, avaliar ou raciocinar atividades relacionadas à matemática). Mas também, há condições neurológicas, transtornos neurodegenerativos e transtornos mentais dentro da neurodiversidade, como esclerose múltipla, comprometimento de memória, depressão, ansiedade, transtorno bipolar, TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo), entre outros.

A neurodiversidade em números

Há uma estimativa de que o Brasil tenha 2 milhões de pessoas com autismo, porém, não há ainda dados oficiais. O censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) não é preciso nesse sentido, porque classifica condições neurodivergentes como deficiência mental ou intelectual, o que não é correto, já que muitas delas não afetam a habilidade intelectual da pessoa.

Principais barreiras das pessoas neurodiversas na web

- **Excesso de informações** que sobrecarregam a parte sensorial, tiram a atenção e o foco no conteúdo.
- **Conteúdos animados**, como propagandas e vídeos que são reproduzidos automaticamente.
- Janelas e **notificações invasivas**, como "O site X quer te enviar notificações".
- Carrosséis de conteúdo que **alternam de forma automática** e não permitem que a pessoa leia o conteúdo no tempo dela.
- Telas que possuem um **tempo limitado** para a pessoa interagir e não informam o tempo restante (as pessoas podem precisar de mais tempo para completar um novo processo).
- Sites que exigem que você **lembre de alguma informação complexa** e temporária, como um código de acesso.
- Formulários que **não ajudam a pessoa a entender** o que aconteceu de errado e como corrigir o erro (isso pode levar à ansiedade).
- **Conteúdo confuso**, com longas passagens de texto e com erro ortográfico.
- Dificuldade em entender o **tom da mensagem** de uma comunicação, em especial marcas que usam muitos memes, se comunicam de forma mais engraçada, extrovertida, irônica ou com mensagens indiretas.



Projetar para a neurodiversidade é projetar para nós mesmos no futuro."

Talita Pagani
Especialista em UX/UI

Dicas práticas de como resolver as principais barreiras de acessibilidade digital para pessoas neurodiversas

Pensando o *design* para a neurodiversidade

○ Foco

- Elimine distrações para ajudar a pessoa a focar a atenção na tarefa principal.
- Evite usar muitos elementos nas páginas, para que eles não disputem pela atenção de quem navega.
- Forneça um modo de foco ou leitura.
- Evite conteúdos que surgem na tela de repente, como janelas *pop-up* de propaganda e formulários de inscrição para *newsletters* ou para seguir suas redes sociais. Além de não usar *players* que toquem músicas automáticas ou acionem vídeos sem que a pessoa dê o comando de *play*.

○ Previsibilidade

- Informe onde a pessoa está e o quanto falta para terminar ou atingir o objetivo. Isso pode ser usado além de um processo de compra, em formulários, tópicos ou páginas sequenciais. Usar um *menu* de navegação no topo de um site – ou *breadcrumb* como é conhecido esse *menu* em inglês – e *links* que indiquem o destino também são boas práticas de acessibilidade digital.

Exemplos:

Você pode incluir os dizeres “Foto 1 de 7” em uma galeria de imagens ou “Etapa 1 de 3 preenchida”, em um formulário.

“Clique aqui e conheça a cartilha tal”,
“Voltar ao topo da página”, “Voltar à *home*”.

Pensando o *design* para a neurodiversidade

○ Tolerância a erros

- Ajude a pessoa a entender onde errou.

Exemplo:

Em uma prova digital, mostre quais foram as respostas erradas e a certa com uma explicação logo abaixo.

- Tenha flexibilidade para aceitar pequenas falhas.

Exemplo:

Um aplicativo de idiomas pode aceitar uma grafia escrita errada para não desestimular a pessoa neurodiversa, parabenizá-la, mas mostrar o erro e alertá-la para a forma correta de escrever as palavras.

○ Objetividade

- Use textos claros, concisos, com voz ativa, e evite metáforas, jargões e expressões que podem não ser de conhecimento de todas as pessoas.
- Comece seu texto, notícia ou artigo com um resumo em tópicos do que a pessoa vai encontrar ali naquele conteúdo.

○ Consistência

- Use padrões consistentes em sites e aplicativos, tanto na versão *desktop* quanto na versão *mobile*, sem mudar os locais em que são disponibilizados o *menu*, a opção de busca, disposição de certos ícones e elementos e busque sempre símbolos que são facilmente reconhecíveis. Essa consistência é positiva e gera também uma previsibilidade.

Pensando o *design* para a neurodiversidade

○ Múltiplos meios

- Ofereça seu conteúdo em mais de um formato. Tem gente que prefere informações em texto, infográficos, imagens ou até em áudio. Então, quando você disponibiliza a informação em, pelo menos, dois formatos, vai impactar um público maior naquele conteúdo.

Exemplo:

Texto com ilustrações e gráficos, conteúdo em formato de texto e áudio, vídeos e podcasts com transcrição.

- Ofereça também múltiplas formas de encontrar uma informação, permitindo que seja acessada via *menu*, pesquisada por palavra-chave, disponibilizada na *home* ou nos *links* mais acessados.

Exemplo:

Busca por um produto no site como um todo, busca dentro de uma seção específica, filtros para escolher marca, tamanho, faixa de valor.

Pronto, segui todas as dicas. Como testar se meu site ou aplicativo ou comunicação está acessível para pessoas neurodiversas?

Atualmente, não existe uma ferramenta com essa finalidade, pois a neurodiversidade tem um espectro muito grande e específico. Entretanto, existem outras práticas de acessibilidade que podem ajudar. **É mais uma questão de experiência de navegação do que de código propriamente dito**, por isso fica mais difícil automatizar.

Muitas das questões que impactam esse público são, na maioria das vezes, relacionadas à informação, ao conteúdo que não está bem organizado, que não está bem escrito ou que não permite uma compreensão adequada.

Respeitar os tamanhos mínimos de fontes e de elementos em um site ou aplicativo, cores com bom contraste, informação direta, clara, mais estruturada e organizada, torna mais fácil a compreensão do conteúdo para todas as pessoas, incluindo as neurodiversas.

Onde encontrar mais informações:

- [Gravação do painel: Desafios de contemplar a neurodiversidade nos projetos digitais](#)
- [Videodepoimento da Jéssica Camarço, autista e UX designer, sobre a navegação de pessoas neurodiversas na web](#)
- [Site do GAIA, que reúne recomendações de acessibilidade web com foco nos aspectos do autismo](#)
- [Livro “GAIA: Um guia de recomendações sobre design digital inclusivo para pessoas com autismo”](#)
- [Barreiras de navegação enfrentadas por pessoas neurodiversas na web](#)
- [5 dicas de acessibilidade digital para inclusão de pessoas com autismo](#)
- [Site do guia WCAG](#)

***Compliance* e acessibilidade:
o que sua empresa precisa saber
para cumprir as leis atuais**

O que é *Compliance*?

O termo *compliance* vem do verbo em inglês *to comply* e, em uma tradução livre, significa agir de acordo com uma lei, um conjunto de regras ou um pedido.

Nas empresas, dá para ampliar esse olhar pensando, além do respeito às normas, o respeito às pessoas e o ao propósito da própria organização. Por isso, quando se pensa em integridade e em ética, não dá para deixar de lado nem o *compliance*, nem a inclusão.

Leis, segurança na internet, acessibilidade e o terrível “juridiquês”

Acessibilidade digital é lei no Brasil desde 2015, como consta no artigo 63 da LBI (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência). Mas, como **diversos estudos do próprio Movimento Web para Todos** mostram, nem 1% dos sites do Brasil está acessível para este público. al “juridiquês”.

Quando a pessoa com deficiência consegue chegar até o site em que quer navegar, ela esbarra também em barreiras nos termos de uso, nas formas como aquele ambiente digital armazena e garante a segurança dos dados de seus usuários, entre outras frentes. Normalmente, são páginas e mais páginas de texto com termos complicados, conhecidos apenas no mundo jurídico – o tal “juridiquês”.

Leis, segurança na internet, acessibilidade e o terrível “juridiquês”

E essa não é uma barreira apenas para essa população, é para todas as pessoas e pode esconder abusos de direitos e práticas abusivas. E se tudo isso ainda não é suficiente para rever e adequar os termos do seu site, ainda temos o não cumprimento do Marco Civil da Internet, que estabelece a linguagem fácil e acessível, e à **LCPD** (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais), regulamentação que impõe consequências mais rígidas a essas possíveis violações e práticas indevidas.

Se a LCPD, que chegou recentemente, tem imposições mais rígidas e prevê a aplicação de multa para as empresas, infelizmente com a LBI não acontece o mesmo. E quem trabalha com acessibilidade digital sabe bem o quanto isso atrapalha que as marcas entendam, de uma vez por todas, que acesso à informação é direito de todas as pessoas, com e sem deficiência.

Sites sem acessibilidade podem ser punidos?

Mesmo que não tenha multa prevista, caso um site receba uma denúncia, a empresa responsável por ele **pode, sim, ser autuada por quem estiver analisando o caso**, que pode interpretar a violação e avaliar um valor para a indenização. Mas isso varia caso a caso.

Além disso, não estamos falando apenas de dinheiro, também existe o risco para a reputação da empresa. Uma marca que se diz diversa e inclusiva, mas que não se preocupa se a sua comunicação “conversa” com todas as pessoas e não disponibiliza recursos acessíveis, pode sofrer com a repercussão negativa especialmente nas redes sociais. E tem situações ainda mais impactantes, como empresas que, ainda hoje, não cumprem sequer a Lei de Cotas, com o número mínimo de colaboradores com deficiência. Você acreditaria que essa marca é inclusiva e diversa só porque ela tem esse discurso?

Como especialistas em *Compliance* podem contribuir com a causa da acessibilidade digital?

- Se aproprie da temática.
- Busque dados variados: quem são, como navegam, as tecnologias assistivas mais usadas e as barreiras enfrentadas.
- Adote terminologias adequadas e comunicação inclusiva.
- Conheça a WCAG e implemente as melhores práticas nos projetos.
- Empodere a equipe com argumentos não só jurídicos.

“

É hora de a gente repensar para quem entrega os dados, quem serão os nossos parceiros, e buscar empresas que se preocupam com o acesso à informação e adotam ferramentas de acessibilidade digital. O poder está na nossa mão.”

César Lavoura Romão

Advogado e instrutor do In Movimento INclusivo



Como especialistas em *Compliance* podem contribuir com a causa da acessibilidade digital?

- Lembre-se que há um público enorme com grande poder de transformação socioeconômico.
- Considere a acessibilidade digital como parte essencial para promover o pilar “S” do ESG – sigla em inglês para *Environmental, Social and Corporate Governance*, que significa Governança Ambiental, Social e Corporativa.
- Estimule a empatia.
- Contrate pessoas com deficiência.
- Aborde a temática em rodas de conversa variadas.
- Promova esse conhecimento com todos os *stakeholders* – pessoas ou organizações que, de alguma forma, são impactados pelas ações de sua empresa.

Onde encontrar mais informações:

- Gravação do painel: *Compliance e acessibilidade: o que sua empresa precisa saber para cumprir as leis atuais*
- Videodepoimento do jornalista cego Fernando Campos sobre leis e navegação de pessoas com deficiência na web
- Estudos de acessibilidade em sites produzidos pelo Web para Todos com parceiros
- Qual é o termo adequado para se referir a uma pessoa com deficiência
- O que diz o artigo 63 da Lei Brasileira de Inclusão
- Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência - ONU, em inglês
- O que a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) tem a ver com a Lei Brasileira de Inclusão (LBI)

**O que as marcas que
adotam a acessibilidade
digital podem nos ensinar**

A jornada da diversidade

Muito se fala sobre diversidade e inclusão nas organizações, inclusive sua importância transformadora e seu potencial. Mas não basta apenas se posicionar dessa forma: é preciso embarcar, de verdade, nessa jornada. E uma das dicas mais importantes para começar é refletir se a intenção é genuína (a sua, a da sua equipe e, principalmente, a da sua marca): **diversidade feita genuinamente é a que engaja de verdade!**

Não é seu lugar de fala? Seja humilde e aguça a sua curiosidade, converse com quem vive essa realidade, entenda suas dores, seus incômodos e suas insatisfações. Forme grupos para discutir o assunto, sem medo, mas com muito respeito. Incentive a formação de coletivos.

E o principal: comece! Pode parecer complicado, mas dá para descomplicar com um passo de cada vez. Afinal, quando a gente pensa em acessibilidade digital, estamos falando de acesso à informação, que é um direito básico de todas as pessoas.

“

A gente tem o peso e a responsabilidade de fazer a indústria caminhar nesse sentido, de ser cada dia mais inclusiva.”

Marcel Rosa

Diretor de marketing Unilever Desodorantes



Diversidade e inclusão na prática

- Aposte em uma equipe diversa se quer valorizar a diversidade.
- Integre a diversidade no dia a dia de marketing se quer ter ideias diversas.
- Pense em uma comunicação capaz de transformar a sociedade.

Como iniciar a jornada de acessibilidade digital na sua organização

- Conheça e estude as diretrizes de acessibilidade (WCAGs).
- Priorize a acessibilidade digital no início dos projetos.
- Incorpore a temática no processo de integração de funcionárias e funcionários novos.
- Crie canais de comunicação empáticos e acessíveis.
- Conheça os direitos das pessoas com deficiência, inclusive no digital.
- Aproprie-se da temática (linguagem, capacitismo, estereótipos).
- Envolver profissionais com deficiência na concepção dos projetos digitais.
- Crie campanhas protagonizadas por pessoas com deficiência.
- **Considere, sempre, premissas básicas na criação das campanhas:**
 - Materiais audiovisuais com Libras, legendas e audiodescrição.
 - Posts nas redes sociais com descrição de imagem, linguagem inclusiva e UX/UI;
 - Sites que permitem navegação pelo teclado e com *links* de atalho, descrição e Libras.

Onde encontrar mais informações:

- Gravação do painel: O que as marcas que adotam a acessibilidade digital podem nos ensinar
- Videodepoimento do gestor cultural e gerente de comunidades Alexandre Ohkawa sobre as barreiras que pessoas surdas encontram ao navegar na internet
- Manual ampliado de linguagem inclusiva, de André Fischer (à venda em formato digital na Amazon)
- Como escrever em linguagem neutra
- Linguagem inclusiva, neutra ou acessível?
- Saiba por onde começar seu aprendizado sobre acessibilidade digital
- Dicas para fazer descrições de imagem
- Aprenda mais sobre barreiras digitais e como eliminá-las

**Dicas que rolaram nas reuniões
com especialistas do Google e
do Web para Todos**

Planilhas e tabelas são acessíveis?

Sim. Por ter como base o texto escrito dentro de cada célula, planilhas e tabelas já são acessíveis. Inclusive o Google Planilhas é compatível com leitores de tela e o sistema Braille.

Mas atenção: vai incluir uma tabela em seu site? Ela precisa estar no código! Se for incluída apenas como imagem, ela perde a acessibilidade e vai precisar de descrição de imagem.

Estou com dificuldade para escolher cores contrastantes para meu site ou arte para redes sociais

Você não precisa ficar apenas no preto e branco em seus projetos, já que existe um contraste mínimo exigido pela WCAG, que é de, ao menos, 4.5:1. Então, experimente e use bastante as diversas ferramentas que analisam o contraste entre as cores, como a [Color Contrast Analyzer](#) e a [Color Contrast Checker](#).

Arquivo acessível, PDF também?

Não necessariamente!

O formato de arquivo PDF (em inglês, *Portable Document Format*) da Adobe já é antigo, tem uns 20, 30 anos, é complexo e tem características próprias. Então, o fato de você importar um arquivo feito nos serviços do Google com acessibilidade para esse formato não quer dizer que ele vai manter as descrições de imagens ou ordem de leitura que você estabeleceu. Então, é essencial **sempre testar com um leitor de telas para garantir que está tudo certo.**

Outras possibilidades incluem abrir o arquivo no programa específico da Adobe

e fazer as alterações necessárias ou enviar o arquivo direto dos serviços Google como visualização, já que eles garantem todos os recursos de acessibilidade.

Uma outra dica bacana é **fornecer uma alternativa para a pessoa que vai receber o documento**, como exportar o conteúdo para uma página web. Essa funcionalidade está presente tanto nos serviços do Google quanto nos da Microsoft. É só ir no *menu* em Arquivo >> Fazer *Download* ou Compartilhar e escolher a opção Página da Web.

Busca no Google Fotos

Você sabia que é possível encontrar uma foto no seu Google Fotos por meio da busca? Isso mesmo: ao digitar no buscador do Google “Fotos de praias”, “Fotos de pets”, por exemplo, o serviço conta com essa tecnologia de reconhecimento de imagens e traz os resultados relacionados. Legal, né?!

Criação de legendas no YouTube

O canal de vídeos do Google possui um serviço super completo para a criação de legendas de vídeos que, inclusive, podem ser baixadas para uso em outros programas. Quer explorar a funcionalidade? A gente te ajuda!

- Faça o *upload* de um vídeo ou escolha um que já tenha sido publicado em seu canal.
- Na opção “YouTube Studio”, escolha “Conteúdo” e selecione o seu vídeo.
- Dentro do vídeo, selecione “Legendas” no menu da lateral esquerda.
- Na opção “Português (automático)”, você encontra a legenda criada pela própria rede. Você pode selecionar ela e fazer as alterações necessárias no texto e na minutagem.
- Se preferir criar uma, você pode ir em “Adicionar” e escrever manualmente ou colar um texto preexistente. Depois de pronta, basta publicar.
- Para baixar a legenda de seu vídeo, basta selecionar a legenda e, no *menu* com as “três bolinhas”, escolher a opção transferir ou fazer *download*. O YouTube oferece o arquivo nas extensões .vtt, .srt e .sbv que também podem ser utilizadas em redes sociais como Facebook e LinkedIn.

Descrições de imagens no Chrome

O navegador do Google possui uma **funcionalidade que faz sozinha a descrição de imagens** que não tenha sido cadastrada. Ela funciona tanto no computador quanto em celulares Android. Agora, a notícia não é tão boa assim: por enquanto, ela só funciona em inglês, francês, alemão, hindi, italiano e espanhol. Mas logo logo deve estar disponível também em português.

Navegação de pessoas com deficiência visual

O Google Chrome tem uma extensão que simula a navegação de pessoas com diversas deficiências visuais: o [No Coffee](#). Essa é uma maneira bem simples de obter algumas percepções sobre como outras pessoas estão vendo e experimentando o seu site.

Projeto Euphonia para pessoas com fala atípica

Tecnologias ativadas por voz e legendagem automática dependem muito da fala e da dicção. Mas como ficam as pessoas com distúrbios na fala? Pensando nesse tipo de público o Google criou o [Projeto Euphonia](#). A iniciativa, que conta com diversas gravações de pessoas com esclerose lateral amiotrófica, por exemplo, treina algoritmos baseados em inteligência artificial para reconhecer discursos e até mesmo detectar sons ou gestos de pessoas com fala atípica.

Anotações, notas ou diário acessível

Procurando um aplicativo acessível para guardar notas, fazer lista de compras, diário ou guardar alguma informação importante? O [Google Keep](#) é uma excelente dica.

Ele tem uma série de funcionalidades que permitem digitar, escrever/desenhar na tela, tirar fotos ou gravar notas de voz (que podem ser salvas em áudio e texto), além da possibilidade de integração com o Chrome e de incluir outras pessoas para colaborarem em suas anotações.

**Web para Todos e Google:
parceria que transforma**

Nossa parceria com o Google existe praticamente desde o lançamento do Movimento Web para Todos em 2017, que aconteceu no Campus da empresa em São Paulo. Desde essa época, temos planejado e realizado projetos com diferentes áreas do Google Brasil e Estados Unidos.

Hackathon para grandes lojas virtuais

Fevereiro de 2019 foi intenso de compartilhamento de conteúdo, **apresentação de casos práticos e muita discussão sobre acessibilidade digital** no comércio eletrônico. Profissionais de *design*, conteúdo e programação de alguns dos principais sites de *e-commerce* do Brasil participaram da atividade em São Paulo. Eles realizaram a transformação da área nobre onde cada site exibe suas promoções e produtos de destaque. O evento foi promovido pelo Google e pelo Movimento Web para Todos.

Workshop sobre acessibilidade digital para profissionais de diversas áreas

Em maio de 2019, dois dias de treinamento para um seleto grupo de 20 profissionais com grande poder de influência em suas áreas de atuação teve como objetivo gerar conscientização sobre a importância de adotarem a acessibilidade digital na sua rotina. A metodologia mesclou teoria, exercícios práticos e experiência em situações vividas por pessoas com deficiência no meio digital. Ela foi desenvolvida em parceria com o Google EUA, com o envolvimento pessoal da liderança do time global de acessibilidade do Google.

Acessibilidade digital para grandes canais no YouTube

Em outubro de 2020, realizamos em conjunto com o time responsável pelo YouTube no Brasil, uma [oficina sobre produção de conteúdo digital acessível](#) para cerca de 20 dos maiores canais da plataforma no país. Foram apresentados conceitos, oportunidades, exemplos e melhores práticas para adotar a acessibilidade nos conteúdos em vídeos e também nas redes sociais desses influenciadores e influenciadoras. Além da capacitação, a iniciativa envolveu a acessibilização de diversos vídeos selecionados pelos participantes. Com legenda, Libras e audiodescrição, milhões de pessoas surdas, cegas e com baixa visão puderam ser incluídas no universo desses *youtubers*, compreender o conteúdo de seus vídeos e usufruir desse conhecimento.

Acessibilidade digital descomplicada para marcas diversas e inclusivas

Em outubro de 2021, foi a vez de realizarmos o [evento que deu origem a este guia](#). Foram 12 sessões de muito conteúdo sobre acessibilidade digital sob os mais diferentes aspectos. O principal objetivo foi ampliar a conscientização sobre o tema e estimular o aprendizado contínuo sobre as diretrizes e melhores práticas nesta área. E, claro, incentivar que as organizações priorizem acessibilidade em todos os seus canais e produtos digitais.

Créditos

Concepção e realização do Guia de Acessibilidade Digital para Marcas Diversas e Inclusivas:

Movimento Web para Todos e Google

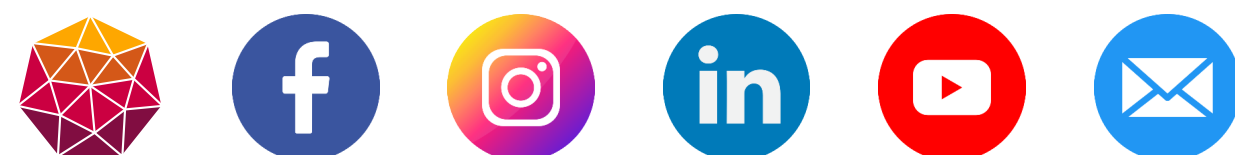
Produção editorial e diagramação do guia:

Espiral Interativa

Agradecimentos:

Equipe do projeto (Simone Freire, Suzeli Damaceno, Henri Fontana, Cris Marques, Gabriela Sá e Guilherme Turazza), participantes do evento (Abigail Klein, Marcelo Sales, Lucas Radaelli, Talita Pagani, César Lavoura Romão e Marcel Rosa) e personagens dos videodepoimentos (Leonardo Gleison, Camila Domingues, Jéssica Camarço, Fernando Campos e Alexandre Ohkawa).

Faça parte da nossa rede:





web para **todos**

Google